

CAD 219.446

CARLOS GOMES

DIÁRIO DO POVO

Campinas — Sábado, 15 de setembro de 1973

HOMENAGEM DA **SCALA**
AO GENIO DAS AMÉRICAS

FOSCA

GUARANY

SALVADOR ROSA

ISABELLA
A - ve, o terra oc. ci. den - tal, -

COLOMBO

LO SHIAVO
Quando nas. ce - - sti tu

ODALEIA

MARIA TUDOR

JOANA DE FLANDES

LEONOR
Fo - ruz as - esa

A NOITE DO CASTELO

PASTOR

**CARLOS GOMES NO PENTAGRAMA
DA IMORTALIDADE**

Sem magias através dos séculos

Não pretendemos trazer nada de novo à gloriosa figura de Carlos Gomes. Em geral todos os dados giram em redor de uma mesma fonte e esta, esgotada e expressa, deve dar lugar à fantasia. Penetrar na alma de um homem unicamente pelos dados biográficos é como construir um edifício exclusivamente com tijolo e barro. — A magia não tem formas nem a grandeza datas. Os sons são eternos e as melodias ocupam constantemente seu lugar no mundo do estético. — Essas são as partes mais fecundas quando se fala de um gênio da arte lírica. — Os valores que cercaram a formação, caráter; que habitaram o recôndito da alma para aspirar o agrado da existência; que sussurraram no coração esquemas de dores e alegrias e ungeram com espinhos e louros os sonhos alados de uma vida, essas, forças galhardas de uma existência vibrante, forjam o dizer de um homem na perenidade de sua obra, no realismo de sua existência, em toda a presença de seu espírito.

Fala-se de tudo, com relação a esta excelsa figura das américas. Busca-se uma diretriz formadora na origem do campineiro ilustre; cobriram seus ancestrais com dizeres e dizeres na mera substância de realismos simbólicos; despiram a forma cingindo-a a frenesis paternos e drama materno; construíram um altar com espinhosas dualidades e alegres esperanças. — Amaram-no e invejaram-no. Falou-se de sua cabeleira e de sua alta figura surgindo do trópico; de sua austeridade e senho franzido. — De seu emblema como aureolado de uma predestinação no coração do Brasil para levar uma tocha de valores ao velho continente. — E que bem lhe quisessem seus biógrafos! E quanto seus amigos e protetores! Falaram de sua música, querendo dar às palavras o mesmo brio melódico do Guarany, ou de

Fosca ou de Colombo. — Elogiosas palavras forjadoras de uma figura sem precedentes nos anais americanos de então. — Elogios e elogios em sublime proclamação de rendimentos nobres para os que escrevem a história da América, do Brasil, e alcançam o pedestal da imortalidade.

Esta homenagem a Carlos Gomes dará a palavra ao Maestro mesmo. Ele nos dirá, do silêncio de sua gloriosa tumba ao lado da qual instalamos a estante com suas obras e a batuta, ainda quando não de ouro, conquistada com laureis de sons, qual foi sua militância colorida e humana na vida. Falar-nos-á dessa infância em meio de flores e sonhos de mocidade que tremem como pressagiando uma mensagem profética do futuro. Dir-nos-á dessa juventude galharda, quando a cabeleira ainda não tomara formas de gênio, em meio destes vales paulistas. Vai nos contar da força da amizade, montagnana, sublimada às essências mais fortes do sentir humano; nos dirá de seu sentir varonil, escondido em suas melodias, no esoterismo dos grandes homens. Nos fará conhecer a intimidade de suas lágrimas, escapadas na solidão, como envergoadas, quando nas platéias do Scala vibravam as ovações. Lágrimas de artista! Que não são de triunfo senão de gratidão ao Senhor e de interrogação! Temerosa!, devota!... e agora, que, meu Deus?

E assim, no encontro com a alma do grande artista, surgida das entranhas de seu imortal retiro, se terá rendido a máxima homenagem que é possível oferecer a um gênio: o encontro consigo mesmo nas etéreas alturas do tempo, para as gerações de todas as épocas, em seu próprio marco geográfico como quadro de dignidade de uma pátria que se honra de lhe haver dado grinalda de universalidade.

Agradecimentos

Esta separata em homenagem ao Maestro Carlos Gomes contou com a valiosa cooperação de personalidades e entidades, a quem agradecemos profundamente sua ajuda incondicional, para esclarecer pontos relacionados com a figura do insigne compositor.

A todos a nossa expressiva gratidão.
Maestro Armando Belardi
Prof. Alexandre dos Santos Ribeiro
Coronel Rodolfo Petená
Prof. Nilza de Castro Tank
Prof. Nadyr de Castro Tank
Eng. Dr. Ovídio Rolim de Moura
Ec. Joaquim Camilo Filho
Dona Maria Luiza Pinto de Moura Ribeiro
Soc. Sara Pereira Lopes
Soc. Francisco Frias
Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas
Sociedade Campineira Lírico Artística (SCALA)
Prof. Maria Cristina Luz Fraga Moreira.

Especiais agradecimentos à família do Maestro Carlos Gomes, ao filho do ilustre Maestro José Pedro Santana Gomes, Sr. Arlindo Gomes, que vive sua veneranda velhice rodeado do respeito da sociedade campineira, do Brasil em geral e de sua distinta família.

Nossos agradecimentos a todos os que, de forma anônima, nos deram sua colaboração de grande mérito afetivo, para colocar o nosso homenageado dentro dos valores humanos a que nos propunhamos.

Coordenador Geral e Produção Literária da edição: Dr. Samuel Lisman Baum.

Editores: Diário do Povo.

Textos traduzidos do espanhol pela prof. Nadyr de Castro Tank.

Bibliografia

- 1) "Perfil Biográfico" de Luiz Guimarães Junior
- 2) "Vida de Carlos Gomes" Itala Gomes Vaz
- 3) Revista Brasileira de Música — Publicada pelo Instituto Nacional de Música da Universidade do Rio de Janeiro — 1936
- 4) "A Bahia de Carlos Gomes" — Sílvio Boccanera Junior — 1913
- 5) "Um Artista Brasileiro" — Sílvio Boccanera Junior — 1913
- 6) Carlos Gomes, o Tônico de Campinas — Jolumá Brito — 1968
- 7) "Carlos Gomes — (rápido esboço de sua vida atormentada e de sua arte triunfadora) — Salvatori Ruberti
- 8) "Grandes Perfis" — N. Souza Pinto — 1965
- 9) Nuova Antologia — Rivista di scienze, lettere ed arti — Roma 1896
- 10) Música e musicisti — Gazzeta musicale di Milano — 1905
- 11) Epistolário de Carlos Gomes
- 12) Dois artistas máximos — Visconde de Taunay



"Diante do busto de Carlos Gomes, no Círculo Militar, durante a noite de abertura da Semana de Carlos Gomes. Da esquerda para a direita, o Ten. Cel. Rodolfo Petená, presidente do Círculo Militar e da SCALA, sra. e maestro Eleazar de Carvalho e o radialista Rinaldo Ciasca, possuidor de uma das mais importantes discotecas líricas privadas do Brasil.



Depois do grande êxito do concerto "Colombo" com que se abriram os atos da Semana de Carlos Gomes a foto registra os maestros Armando Belardi e Eleazar de Carvalho, Prof. José Alexandre dos Santos Ribeiro, Ten. Cel. Rodolfo Petená, Niza de Castro Tank, Aldo Losso, Constanzo Maschite, Maestro Colachopo, Sérgio Poggetti, Dr. Horácio Righetto e outras personalidades.

Também fui um menino

Foi em Campinas que cheguei ao mundo. Era um dia de julho, dia 11 de 1836. Era uma vila, o lugar do meu nascimento, com poucas ruas, muitos becos nos caminhos e grandes pradarias com sombras acolhedoras.

Havia um irmão ao meu lado, dois anos mais velho, meu querido irmão Sant'Ana, que com seus olhos surpresos olhava minha figura envolta em panos e mantas, minha cabeça já coberta com cabelos rebeldes e meu choro estridente, pedindo gulosamente minha substância de vida. Foi meu irmão mais querido, meu amigo de sempre.

E havia um papai, alto, cizudo, que não sei se olhava com carinho ou desconsolo. Era seu filho, um a mais, nessa plêiade fecunda de sua vida sentimental, caudillesca, patriarcal, um filho de sua terceira aliança. Meus outros irmãos mais velhos, nem se deram conta de meu nascimento. Nasceu outro Gomes! E nasceriam muitos Gomes mais, todos filhos de meu pai, Maneco Músico, muitos filhos que sendo de meu sangue não eram meus irmãos queridos. Eu nasci com a predestinação de um irmão só. Um só. Como a árvore preferida no parque, a de sombra amável, das confidências, dos sonhos e ideais.



Mario Gomes, o filho arrebatado prematuramente pela morte.

E havia uma mamãe. Formosa de rosto sombreado, bronze dos trópicos que não podia olhar-me demasiado. Era mulher dominada, subjugada à severidade paterna, mulher bíblica, quase, para procrear e servir. Não! foi nossa divisa, nosso brasão. Não! Não! — As carícias de minha meninice foram os ventos campineiros, no ocaso da tarde que deixa sem embargo, uma suavidade cálida, herdada de um dia festivo de sol. Acariçavam-me as flores dos pátios engalanados e absorvia os perfumes, vibrando ante o cromatismo da natureza e os cantos das aves. Cambaleante com meus passos incipientes, meu irmão e eu, jogávamos no pátio do nosso casarão, fantasiando com pedras, fazendo-as soar, batendo umas nas outras, alegrando-nos com o tim-tim dos seus sons opacos. Ríamos, puxávamos nossos cabelos e nos abraçávamos em furtivas brigas carinhosas, em meio da terra, do solo, das flores e das pedras.

Nas ruas passavam poucos transeuntes. As vezes ouvíamos pisadas forte de homens e uma banda musical, energética, marcial, desfilando pelas ruas de Campinas, levando uma música de vento e percussão que animavam a vila solitária. Papai, ereto e severo ia à frente, majestoso como um monarca, dirigindo o conjunto, sublimado pela importância de sua função e pela admiração com que, grandes e pequenos, observaram o Maneco Músico e o seu grupo musical. Quando pudemos balbuciar as primeiras palavras, dissemos, mamãe, com um tremulo de ternura, e papai, com admiração e temor, devoção, submissão, medo, muito medo, porém aprendemos a nos refugiar em suas notas musicais e a sorver docuras através de suas melodias. A música de Maneco, foi mais nosso pai que ele mesmo. Nós o amávamos em seu uniforme de opereta. Adorávamos o seu clarinete sonoro. Nós o queríamos sem amor, com respeito, com muito respeito e com medo, com muito medo.

E assim, fui menino, desabrochando-me, sujo de terra nas praças, ouvindo música de banda e uma outra vez, trechos de música italiana. Meu irmão e eu aprendemos a cantar. Minha voz era clara de soprano lírico; meu irmão tinha voz mais profunda. Ele me deixava cantar já pressagiando que devia velar por mim, ser no futuro um tudo para mim, um irmão, um amigo, um pai e uma mãe também, a mãe que tão pouco conheci porque quando a ternura da palavra mamãe, viva, assomava aos meus lábios, tive que aprender a dizer mamãe, morta!, cruelmente sacrificada pela ignomínia do absurdo, mulher na flor da idade, abnegada, sacrificada e que não pode ter mais que uma azarada existência de mulher, quicá não tão feliz como gostaríamos que fosse. Morreu mamãe, assassinada no fundo de nossa casa, onde tantas vezes brincávamos, Sant'Ana e eu, em meio de uma poça de sangue que não compreendíamos. Minha mãe morta, aos oito anos de minha vida; começavam os caminhos de minha solidão, com meu irmão, ambos sós, sós no casarão onde logo reinaria outra senhora Gomes.



Carleto Gomes viveu junto ao pai os momentos de transição desde o começo e o êxito. Podia haver sido o mesmo Carlos Gomes, o representativo desta figura, já que em Carleto, se identificavam a alma e o sonho do maestro.

a educação paterna era muito severa, porém observava tudo, buscando uma migalha de compreensão e quando alguém com exceção de meu irmão, se tornava amável comigo, fugia, por acreditar que tudo vinha de uma amabilidade preconcebida, e não por simpatia, mesmo. Tão pouco podiam prender as fugas da alma de um menino, que não o era tanto.

Não fui muito tempo alfaiate. O salário não era muito, e convinha mais a meu pai ter-me a seu lado na banda de música. Eu não tinha conceito de conveniências, porém, quando deixei de ser aprendiz de alfaiate experimentei a nostalgia de uma calça feita por mim mesmo e pressenti um destino duro, de lutas e privações, que foram sempre minhas tristes alçadas.

Desde cedo senti a predestinação

Em minha infância já ouvia falar de Haydn e de Berlioz. Não eram diálogos com minha mãe, nem mesmo depois, depois da grande tragédia, com minha madrastra, D. Francisca Leite, com quem meu pai parecia sentir-se feliz. Eram comentários de entendidos em história de música, que faziam ver a Maneco Músico, que eu parecia ter o mesmo destino. Mas meu pai não aceitava nenhuma idéia senão se circunscrevesse ao solar paterno, às estreitas ruas da vila, e a música estonteante da banda, alegre às vezes e sempre detonante na algazarra das festas populares. Desde pequenos, Sant'Ana e eu desfilávamos juntos, com os emplumados homens da orquestra de papai tocando instrumentos de vento, soprando e soprando pelas ruas cheias de povo e ante o olhar dos meninos e mulheres, que saíam de suas casas para ver o desfile dos futuros rabequistas.

Na escola não fui aluno brilhante. Eu me perdia na distração de vagas observações, caminhava entre as nuvens, notas musicais apareciam dispersas em todos os meus apontamentos, divagações, inverossímeis e incompreensíveis. Sempre chegava com temor em casa. Ouvia dizer que existem certas prevenções que fazem prever o futuro de uma pessoa. Não compreendia nada disso porque não era um menino genial, nem um moço excepcional. Porém, podia-se ver em meus gestos um certo rictus diferente dos outros rapazes. Inclusive era diferente do meu querido irmão. Quando anos depois, na avalanche da vida, retrocedia a essa infância pressurosa, como anelando terminá-la rápido, compreendi certos presságios, certos fatalismos, essas ambivalências que se dão a alguns espíritos como para castigá-los e tê-los despertos. A dor, essa grande amiga dos que criam, assim como a tristeza, acompanharam-me quase sempre, mesmo na mocidade, quando parecia desfrutar de alegres chispas de humor. E para acabar com a incerteza de minha afetividade insatisfeita, eu me refugiava à margem da vida. Na lisonja barata de minha presteza de menino, ao que diziam, bonito; nos louvores ao meu fervor musical; mas minhas prematuras

O "tilleulenspiegel" de Campinas

Antes de empunhar uma batuta, muito antes, tive em minhas mãos uma agulha. Foi, por imposição de meu pai, aprendiz de alfaiate. Minha querida mãe era filha de um alfaiate, sr. Cardoso. Talvez viesse daí a idéia de meu pai. Não creio que ocorresse a minha mãe a idéia de introduzir-me nessa profissão, que embora muito digna, não se enquadrava com o temperamento inquieto de minha infância. A quietude obrigatória dos alfaiates não se harmonizava com o caráter dos Gomes. Gomez — primeiro por descendência espanhola, e Gomez depois para nossa gramática lusitana. Latinismo, vibrante, muito temperamental, com algo da herança ancestral brasileira, em suas primeiras origens que formaram estas terras de homens livres.

Como o alfaiatezinho alemão Tilleulenspiegel - do século XIII - eu também corria por montes e pradarias, cantava e fazia tantas reinações inconscientes, se não tantas como Till — porém suficientes para exacerbar mamãe. Papai não as conhecia, Deus me livre, porém mamãe e d. Francisca, toleravam essas fulminantes explosões de uma silueta infantil. Como Till, eu era profundamente ascético e como o alemãozinho indómito, eu tinha vibrações que não conseguia compreender ainda.

Essas fugas tiveram origem natural no vazio, sobretudo na alma de um menino e logo adolescente prematuro, que buscava o consolo para socegar, em arrebatamentos íntimos, as perspicácias de uma versatilidade ainda não trazidas senão em inquietudes incógnitas. D. Francisca, apesar de boa, tinha seus próprios filhos, tidos de meu pai após o matrimônio. Sua ternura me era revertida por reflexo de seus filhos, meus irmãos, e não me chegava totalmente. Na carícia, sempre deve haver um gesto doce que sublima o carinho, além da mecânica de uma palavra dita sem emoção nem sentimento. E eu buscava essa carícia, com força, afundando, no desespero, cada vez mais, em uma orfandade de desenganos.

Assim era Tilleulenspiegel. Só com sua agulha, que tomava como batuta para dar melodia a suas risadas e suas reinações. Quando se lançava fora da sala de costura, era como o gnomo alegre, o cherubim com sua música, e o menino triste em sua solidão.

Till subia nos telhados e de lá fazia bur-las. Se o perseguíam não conseguiam pegá-lo. Representava o bom humor em meio da severidade popular alemã. Eu não enganava:

condições de professor de canto e piano, porém sobretudo, nos olhares profundamente observadores e condutores de Sant'Ana.

Meu pai, Maneco Músico, foi meu mestre e eu me sentia confuso perto dele, a medida que avançavam os anos, o mesmo medo da infância, gratidão, admiração, temor, amor filial. Confusão de sentimentos que o tempo iria aclarar para determinar uma sólida posição de respeito, de ternura, mesclada com lástima por esse homem duro, vibrante executor da vida, em hedonismo quantitativo inconsciente, músico brilhante, encerrando em seu porte e qualidades a essência de um gênio adormecido, porém sensível, quando se rompiam as comportas de sua indômita ombridade de patriarca inquestionável. Anos depois, vendo-o chorar sobre os meus ombros, pude compreender o significado de minhas próprias lágrimas, para meu pai, então, incompreensíveis. e assim foram essas lágrimas, em toda minha vida, refúgio, um a mais, de minhas tristezas e alegrias. Eu as vertia a sós, comigo mesmo, como avaro de um tesouro íntimo já que ainda moço, chorava por mim, pelos demais, por tudo o que provocava em mim o incêndio de uma paixão que não sabia localizar, paixão de adolescente, ainda intangível, longíqua, porém docemente dolorosa.

Recordo que um dia não fui à retreta. Tinha 15 anos. Meu pai ficou muito surpreso, porém, ainda mais meu irmão. Simulei uma indisposição. Quando todos se tinham ido, tomei com avidez a partitura do Trovador. Verdi! Batuta na mão dirigia e dirigia os brilhantes compassos, temendo que alguém me visse.

Estava febril e sai para o campo; só, em meio das árvores frondosas, do ar puro e de alegres sussurros. Estendido na relva, observava o desfile das nuvens de formas caprichosas, num céu ameaçando temporal. Sentia-me frenético. Que formosa solidão! porém não estava realmente só. Mil notas chegavam aos meus ouvidos, passos de homens caminhavam ao encontro de um destino; e quando começou a chover, estava ainda estendido na relva, porém, com idéias musicais que iam tomando formas em minha consciência febril. Corri pa-

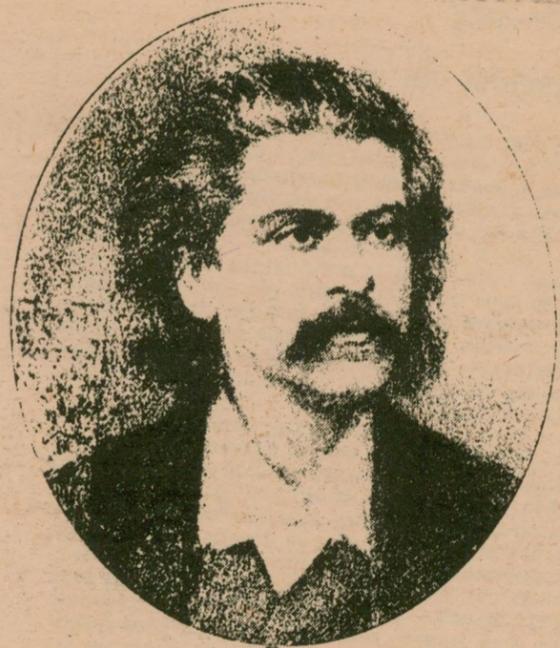
ra casa empapado de chuva e emoção e escrevi, delirante. Quando meu pai e meu irmão regressaram, meu corpo estava seco e meu rosto lavado de outra água, a de minhas adoradas lágrimas; estava tocando a marcha que compus, meu primeiro arrebatamento lírico, minha entrada no mundo magestoso do pentagrama.

Minha saudosa juventude

Quando sai do colégio tinha 11 anos. Quando se começa a ser moço? A transição entre a infância e a mocidade, a adolescência, em cujos anos descansam todos os atributos da vida de um homem, passou para mim despercebida. Minha infância dos 11 anos era igual à minha adolescência dos 20 anos. Aos 11 anos, era de todo um menino, e aos 20 anos, não era de todo um músico, e era esse o aspecto fundamental de minha vida: a música. Quase nunca estava satisfeito, apesar de minha aparente alegria e minha displicência mundana. Tocava na Banda de papai; conversava muito com Sant'Ana, e tinha alguns amigos, que aumentaram com os anos, formando um sentimento especial em minha vida. Meus amigos, meus amigos queridos, eles merecem uma narração especial.

Os salões sociais de Campinas me recebiam com prazer. Cantava-lhes trechos sentimentais de compositores europeus, e parece que inconscientemente juntava às melodias acordes pessoais, que fulguravam na minha voz, e na minha transposição. De aí em diante me tornei um moço romântico, sonhador, apesar de que meus tormentos espirituais formavam em mim preconceitos negativos, forjavam em mim uma severidade externa, agressiva, às vezes, incontida. E como papai também era assim, eu o aceitava sem reservas, não me propondo nem querendo emendar-me, já que, ilusão minha! tinha lido que essa era a qualidade dos músicos. Tudo o que era bom para os músicos e compositores tratava de absorver. Ar distraído, muito gênio em todos os momentos. Eu sei que anos depois me apelidaram de insuportável, de mal humorado, indócil.

Ria-me de todas essas coisas, embora muitas vezes tivesse medo de mim mesmo, desses arrebatamentos que não obedeciam em nada a meu desejo de ser nem de sentir; porém eram as influências da vida que me circunda-



Antonio Carlos Gomes
O Maestro

vam com todos os abismos preparados aparentemente para mim.

Já sabia algo de composição musical. Minha marcha dos 15 anos, inspirada no "Trovatore" de Verdi, minhas primeiras lágrimas musicais haviam me iniciado em rascunhos de ensaios. Queria sair as figuras musicais aprisionadas em mim e não tomavam forma. Tinha a sensação de que estava traindo a própria consciência não podendo realizar aquelas inspirações que brotavam dentro de mim.

Sentia-me pai de formas líricas sem poder colocá-las em pentagramas. Torturas de jovem, anelos de sublimação, talvez de glória como diziam meus amigos, porém, creio que de perfeição e de generosidade — não me arrependo do termo — disse generosidade, porque a arte é generosa, bondosa, e quando se lhe volta a alma, é para se dar toda ao mundo.



A DURATEX S.A., SEMPRE ESTEVE EM CAMPINAS

E É POR ISSO QUE NAS COMEMORAÇÕES
ALUSIVAS AO GRANDE MAESTRO CAMPINEIRO

Antonio Carlos Gomes

NÃO PODERIA DEIXAR DE DIZER "PRESENTE !"
E O FAZ COM SUAS UNIDADES INDUSTRIAIS



DECA

A arte não nos pertence. Somos apenas portadores de um bem emprestado. Conservá-lo na negligência do intelecto, é negar aos outros o que nos foi dado como empréstimo. A dívida nos é imposta por uma força que não podemos dominar, se não, aperfeiçoar. A arte é a força do homem para o homem para dá-la, generosa em rebentos de dor e de lágrimas, de tristeza e privações, porem dá-la sempre.

Eu ia com frequência a São Paulo e assistia a "peñas" chamadas "Repúblicas". Sempre com Sant'Ana. Estudantes todos. Discutia-se de tudo. Literatura, música, abolicionismo, com a veemente linguagem estudantil e com o gracejo de todos os fatos que cobravam uma importância inusitada em nossas tertúlias. João Pinto Moreira, José Gonçalves da Silva, Antero da Silva Azua, amigos queridos entre outros, animavam as reuniões. A viagem a São Paulo era pesada. Um peso chegar e outro regressar a Campinas. A cidade já vibrava ante seu império criador. Eu vinha de uma pequena vila, moço provienciano, carregado de inexperiência e de falta de oratória. Não tinha lido muito na escassa biblioteca paterna. Sabia de música, ou pretendia saber. Meus amigos eram brilhantes tribunos. Ai eu fui o caipira, o Tônico de Campinas, carinhosos apelidos que me davam a ilusão de ser cobiçado com ternura, por esses fulgurantes amigos de elevada cultura. E eu sentia a necessidade de lhes dar algo, devolver-lhes em notas musicais a minha gratidão. Assim concebi um "Hino Acadêmico", brasão lírico de nossa juventude de então. Falara com minha emoção e fui acolhido com a emoção de todos.

Nunca deixei de ser místico. Minha mocidade teve o grande reforço de minha crença cristã. Eu não sabia o que significava ser místico. Tinha lido, porém, que a mística era um estado de comunicação com entidades superiores sem perder as qualidades de sua própria personalidade. Assim, me parecia que deveria sentir um homem. Quando compus duas Missas da escola Passiniana, e observei a devoção do auditório, compreendi que minha mocidade se ia indo e que minha mística estava na música, dentro de meu modo de ser. Assim inspirado e alentado por meus amigos, parti para o Rio, cavaleiro de lombo de burro, até Santos, e de lá por via marítima.

Cheguei ao Rio, temendo o desconhecido e por não ter comunicado a meu pai minha decisão. Porém, me alentava a fé e um esboço de amor que fermentava meu coração com doces eflúvios.

Quando cheguei no Rio, tinha perdido minha infância e minha adolescência. O destino amargo dizia suas palavras impertérritas.



Noite do Castelo
S^{ra} Auzenda Frattini

A soprano Auzenda Frattini, personagem principal da Noite do Castelo

Os homens não se improvisam, uma nação é o fruto de um longo passado de esforço, de sacrifícios, e de devotamentos. Eles fizeram o que somos. A nação é uma alma. Passado e presente. Uma é a posse em comum de um rico legado de recordações; outra, é o desejo de viver juntos, a vontade de fazer indivisível a herança que se recebeu.

E. Renán

Conjugação de esperanças

Rio de Janeiro era para nós um sonho inatingível. Berço de grandes realizações intelectuais como capital do império do Brasil, todo jovem aspirava chegar à Capital para viver episódios que tinham idealismo de uma aventura. Eu fui lançado ao Rio, por iniciativa de meus amigos que pretendiam ver, no calpira de Campinas, algo mais que o modesto compositor do Hino Acadêmico. Cheguei a sonhá-la, a cidade de Pedro II, cheio de recomendações e cartas para personalidades e recebi o paternal acolhimento de Azarias Botelho; era minha casa, ainda quando tinha muita saudade do meu lar paterno e das formosas exuberâncias da querida cidade natal. Comecei a estudar contraponto com o professor J. Giannini. José Amat, fazia-me milagres na incipiente cultura lírica. Estudar era minha única distração. Absorver, em tudo o que fosse possível, maiores conhecimentos musicais, para compor algo que fosse digno de meu pai, e satisfazer meu próprio orgulho pessoal que justificasse este dispendioso Rio. Meu pai havia compreendido meu afã de estudo e me ajudava com uma modesta pensão mensal. Aprendidas as primeiras necessidades, compreendi também que privações, como caminho de uma meta idealista, podem fazer feliz a um ser humano. Com estas idéias me lancei em busca de libretos, a mais difícil tarefa para um compositor. Não sucedia isto unicamente no Rio de Janeiro.

Também os grandes gênios da música, na Itália, Alemanha e França, os três grandes baluartes da musicalidade, andavam à caça de libretos. A temática, frequentemente sem substância, tinha que ser salva pelo brilho da cadência. O Rio não era estranho a essas necessidades literárias, ainda quando nosso País não contava com compositores de ópera. Por fim encontrei um libreto de Fernando dos Reis, A noite do Castelo, obra cuja literatura despertava um interesse particular. Trabalhei dia e noite na composição até poder lograr sua estréia na ópera nacional. Emoções que não esperava sentir foram, naquele momento, a justificação de meus esforços. Ovação do público, transbordante de entusiasmo diziam-me, sem embargo, que premiavam o esforço e não a própria ópera. Generosas críticas e também ignomínias. Um triunfo aos 25 anos de minha vida, fez exclamar Francisco Manuel, meu Mestre: "o que ele é, só a Deus e a si o deve". Quem era eu após esse êxito? Já era um compositor? Não. Europa deveria ser minha definitiva escola e o único que poderia ajudar-me para dar o salto do Atlântico, seria o Imperador. Porém ainda não estava maduro, para ir à Europa e seguia estudando e compondo com outro libreto de Salvador de Mendonça, a ópera Joana de Flandres. Já era o ano de 1863. Havia passado em vão meus 27 anos. A condecoração recebida pelo imperador, Cavaleiro da Ordem da Rosa, dizia-me que não haviam sido em vão. E quando Pedro II colocou sobre meu pescoço a digníssima condecoração, com lágrimas nos olhos, não pude dizer, obrigado, senão balbuciar, choroso, um pedido ao imperador; que nomeasse meu pai, mestre da banda imperial. E assim foi.

Eu chamava a Joana de Flandres, apesar do êxito: "fim de um triunfiasco". Estava perfeitamente de acordo com algumas críticas não favoráveis e não me alcançaram os aplausos e agrados.

Havia conseguido o mais importante. Uma consciência plena de que estava preparado para estudar na Europa. e quando sua majestade, Pedro II acedeu, de seu pecúlio pessoal, patrocinar meus estudos e viagem à Itália, senti fogo em minhas veias e desejos de viver para brindar à minha pátria com uma nova auréola lírica. Com este pensamento parti para a Europa em 1863, aos 8 de Dezembro, data mui cara ao meu coração de cristão, que comemorava a festa da Imaculada Conceição, padroeira de Campinas, em cuja igreja fui batizado. Mais tarde, em minhas composições, não deixei de invocá-la.

Sant'Ana Gomes, irmão!

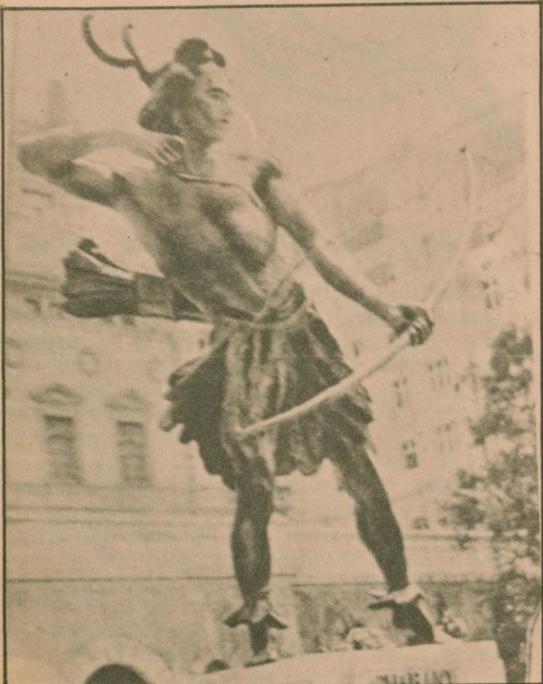


Entre todos os meus irmãos, éramos 25, meu preferido, meu protetor, foi Sant'Ana. Éramos uma família unida. Um meu irmão Tomaz de Aquino, veio especialmente à Milão, com Sant'Ana para fazer parte da orquestra que tocou o Guarany. Eles eram donos das ovações como eu mesmo, porque fomos todos nascidos da mesma escola musical paterna. Com Sant'Ana, choramos juntos, um nos braços do outro, a morte de nossa querida mãe, Fabiana, cujas consequências psicológicas influíram em todo o transcurso de nossas vidas. Eu queria que Sant'Ana me sobrevivesse, porque sabia a quantos sacrifícios se submetera para dar prestígio ao meu nome. Ele mesmo foi um grande compositor, de uma sensibilidade rara. Não era eu arrebatado, mas sereno, intelectualizado, com segura determinação de seus conhecimentos musicais. Eu o admirava profundamente e mais de uma vez colaborou comigo com seus sinceros conselhos técnicos e grande conhecedor da música. Quando eu me perdia nos delírios da composição, Sant'Ana, muitas vezes presente, me observava com emoção fraterna, com respeito e admiração. Eu o animava também a compor suas próprias obras, e o fazia com grande elevação, deixando-me, porém sempre a prioridade. Sacrifício sublime de um irmão querido, para quem remeto todas as glórias, por acaso conquistadas, dos Gomes. Meu irmão também compôs óperas. Nos eflúvios secretos do silêncio de meu descanso, eu o sentia, como um espírito que tocava velar por ele, por sua alta fortaleza musical, como para devolver-lhe o muito que ele me deu. Sua Ópera Alda, em 4 atos, é um conjunto arrebatador de composição musical. Estilo menos envolvente que o meu, essa ópera é uma superação técnica concordando com as escolas europeias, mas não sendo de linha melódica exclusivamente italiana. Eu me abalei no meu sono eterno, quando Sant'Ana não pode montar sua ópera. Ele não tinha a soma de 60 contos, que lhe exigiam para montá-la. Tinha ficado pobre, o meu querido irmão, por me dar, além do seu carinho, toda sua fortuna, suas jóias que vendemos, tudo quanto possuía, para sustentar minha vida musical. Quanta gratidão, meu saudoso irmão, quanta dívida contigo, que os séculos e as palavras não poderão apagar. Sant'Ana guardava um cacho encaracolado de minha indômita cabeleira infantil. Em sua digna velhice, olhava esses fios de outrora, de novo derramando lágrimas fraternas. Da mesma forma chorava por seu filho Paulino, falecido na Europa. Pai amoroso não pode consolar-se com a morte de Paulino, e assim nos conta sua formosa composição "Saudade". Saudade de tudo Sant'Ana. Das velhas horas campineiras, quando juntos tocávamos esse concerto Alta Noite. Quando cantava o querido Levy. Saudades de Noites do Castelo e Joana de Flandres. Quando os Gomes choravam ao compasso dos acordes. Saudades de nossos filhos mortos na noite eterna, em cujo seio nos reencontramos todos, para prosseguir infantis, nosso amor fraterno e nossos balanços sensíveis. Saudade do teu violão, signo de nossa família, com o qual arrancavas notas quase humanas; saudade da ferradura que bateu em minha boca, naquela tarde no circo; saudade do nosso grande povo brasileiro, que agora começa a nos compreender. Saudades, irmão, e gratidão eternas, destas alturas infinitas, de onde vejo tua fronte ornada da bondade e talento de tua alma incomparável.

Mereceu o aplauso de Verdi

Itália, especialmente Milão, me haviam subjugado com seu espírito melódico e vivência em um mundo de fantasias e lirismo. Era uma época fantástica apesar de viver o país em função de uma necessidade construtiva, em meio de uma Eurpoa que surgia ao fenômeno da industrialização; sabia o povo italiano encerrar-se em uma força doce que amparava sua própria existência, com um sorriso suave e um canto alegre. Era, assim, uma época de contrastes: prática e harmoniosa, que se encontrava nas lindes do êxtase para que se fundissem os valores do espírito.

Poesia e música arrebatavam o público, fortalecidas por uma nova expressão que a-



O Guarani, a primeira ópera de Carlos Gomes, encenada no Teatro Scala de Milão.



O elenco da ópera O Guarani, na representação de 1968, no Teatro Municipal de São Paulo. Da esquerda para a direita Um jornalista, Milton Paiva (baixo), tenor Assis Pacheco maestro Armando Belardi, soprano Niza de Castro Tank, baixo José Perrota, barítono Lourival Braga, barítono Alfredo Perrota e diretor de cena Mário Bruno.

sionava o temperamento feroso e sonhador do povo italiano, voltando-se com todo entusiasmo, a captar a beleza, com todas as forças, como as lavas do Vesúvio e as espumas do Adriático. Era o "pão e circo" ressuscitado formando uma nova civilização formosa.

Era a noite da estréia do Guarany no Scala de Milão. Meu irmão Sant'Ana tinha vindo do Brasil para dar-me o ânimo de sempre, já que era o amigo querido que conhecia profundamente minha sensibilidade.

Eu mesmo vivia a confusão de uma interrogação: agrada o Guarany? Captei as belezas de minha terra e a força indômita de sua gente? Que dirão os maestros? E por último, que poderei dizer-me eu mesmo, depois do es-

petáculo, quando os acordes não forem mais que críticas ou elogios? Eu me pergunto uma e outra vez, porque escrevi o Guarany? Não foi para demonstrar que um brasileiro também pode escrever uma grande ópera; não, foi porque queria sair de mim mesmo; tudo o que sentia em relação à música para poder dar-lhe essa força dramática era a substância de mim mesmo. O drama de meu próprio EU; o drama do meu conforto e um mundo diferente e carregando sobre minhas espáduas séculos de gerações brasileiras; o drama de não ser compreendido nesse velho mundo europeu, avassalante e culto; o drama de existir sem ser eu mesmo, e sem poder expressar o domínio de minha natureza artística atacada mil vezes

NATIVA CONSTRUÇÕES ELÉTRICAS S. A.

ENGENHARIA-ELETRICIDADE

Rua Luzitana, 1.051 ☆
CAMPINAS

Rua Gen. Jardim, 482 — Cjs. 31 e 32 ☆
SÃO PAULO

Rua dos Andradas, 96 — 14.º and. ☆
RIO DE JANEIRO

*Nossa participação no progresso desta cidade
não se resume ao nosso trabalho:
todo apoio à cultura, através das manifestações
desta Semana de Carlos Gomes*

À
SCALA — SOCIEDADE CAMPINEIRA LÍRICO-ARTÍSTICA
AV. PRESIDENTE VARGAS, 200 — CAMPINAS



Niza de Castro Tank no personagem Ceci e a bailarina Mariângela Réa, na representação do Guarani, no Teatro Municipal de São Paulo, em 1972.

com pedras e látigos. Era meu amor humano, meu sonho acético, minha mística nunca adormecida, todo esse torvelino que já compreendia meus amigos do Brasil, lançando-me nesta Europa milenária. E foi força que não nasceu unicamente de minhas lições com o maestro Rossi; foi alma, quase exotérica em todos os momentos da composição do Guarany, onde eu, brasileiro de Campinas, não sabia se a inspiração era chama de minhas chagas ou chagas de minhas feridas de homem triste. Algo semelhante me sucedeu, quando aos quinze anos compuz minha primeira marcha, às escondidas de papai. Já Maneco Músico havia falecido e tinha a sensação que agora



Guarany
Sr Orlando Silverio

Orlando Silverio no personagem Peri de O Guarani

algo escondido estava fazendo e como a marcha, agora também me perguntava, isto é meu?

Era já, seis da tarde. As oito, começava o espetáculo. Eu me acerquei do Teatro e vi gente e mais gente em filas. Comecei a tremer como um menino que temia ser descoberto em alguma travessura, e meu pensamento ia às melodias da protofonia do Guarany, à Ave Maria, e aí me detinha pedindo a Deus não me deixar fracassar. Eram dúvidas do compositor? Não, eram dúvidas de um destino tantas vezes denegrido, de meu destino de homem sem amparo sentimental. Quando às oito da noite surgiram os primeiros acordes do Guarany que se espalharam no Scala ante cinco mil pessoas, críticos, que punham em dúvida que o autor de Nella Luna, Se sa minga,

joguetes cômicos de música frívola e de grande êxito, poderia compôr algo de sério, e sobretudo a presença dos gênios da música, todos esperando algo, novo e distinto deste maestro brasileiro. Continuei tremendo; o medo sem angústia penetrou minha alma e já não era Tônico, nem compositor, nem estava na Itália, senão flutuando no incomensurável etéreo. Era o nada em meio de um grande vendaval de aplausos que me reclamavam no procênio, e fui uma vez, fui outra vez, e fui dez vezes e as ovações me pareciam como ecos do túmulo de papai, que me dizia: bravo filho.

Quando terminou a Ópera, foram me buscar, meu irmão e amigos, e me encontraram na sala de minha casa, só, com minhas partituras, úmidos meus olhos, e com o abraço de meu irmão, que repetia as palavras de Verdi: Este moço começa onde eu termino, eu compreendi que este triunfo não era mais que o princípio dos meus novos grandes compromissos de compositor, em honra a mim mesmo e do Brasil.

A Europa através de Ovídio

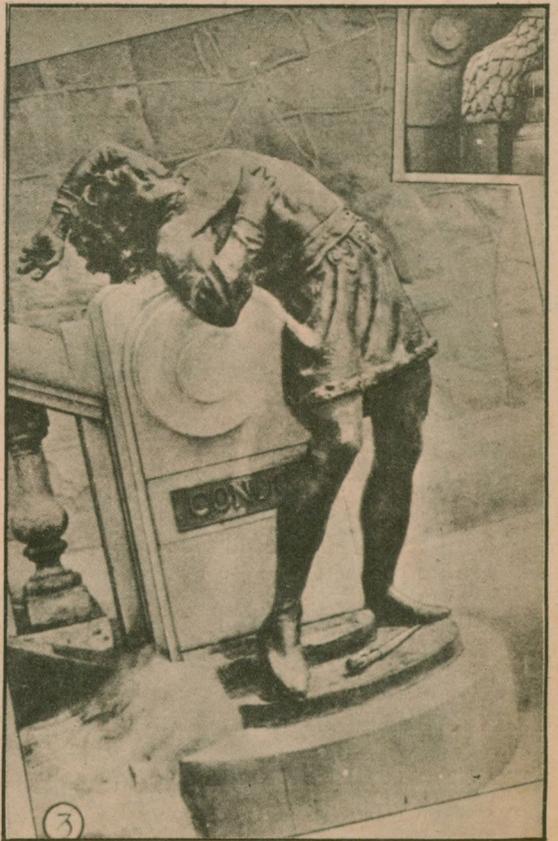
O vapor que nos conduziu, o Poitou, era um navio magestoso, que produziu em mim bastante dissabores de navegante inexperiente. O oceano estava bravio e eu sofria lá, consequências de um grande transtorno. Mar e céu, durante intermináveis dias e noites haviam me distanciado da minha música e de todas as fantasias da minha mente; não tinha mais que uma ocupação: cuidar da indisposição provocada pelo mar; o tenor Gentile, de grande jovialidade, e enorme barriga, compensava com sua alegria transbordante, bom gastrônomo e melhor bebedor, a azarada viagem. Foi o grande amigo da minha travessia e quando tive superado a crise de minha saúde, passei a bordo momentos deliciosos com este singular companheiro de viagem. Ao chegar a Lisboa meu pri-



meiro encontro foi com o grande poeta Feliciano de Castelo, de olhos apagados e alma luminosa, tradutor de Ovídio, com quem reparamos as estrofes divinas do imortal bardo, e pensávamos que musicalizar esses versos seria atraiçoar a essência do lírico, porque cada palavra dos versos de Ovídio era música pura.

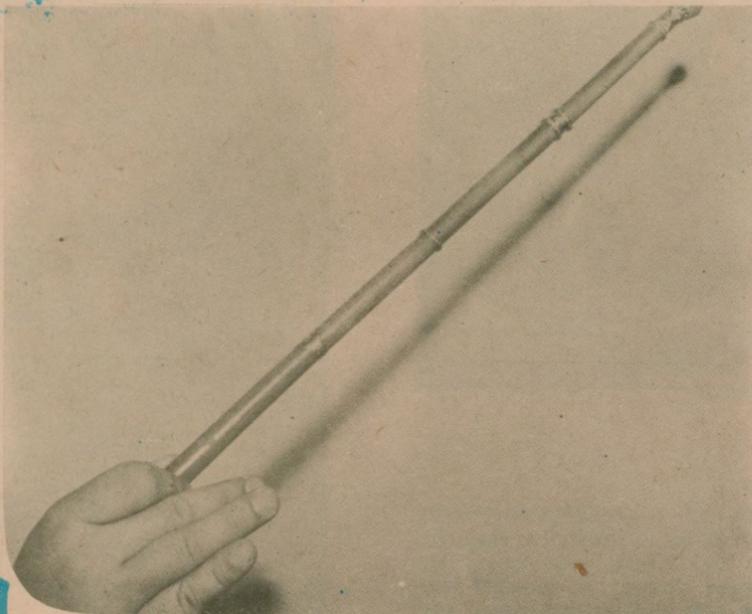
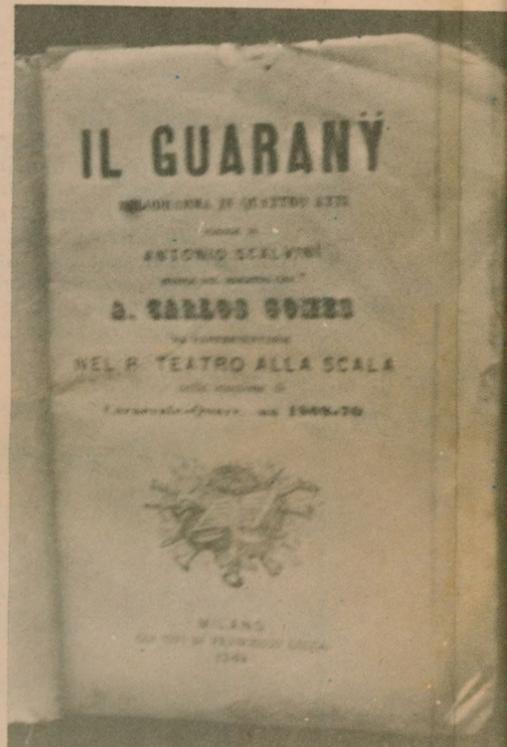
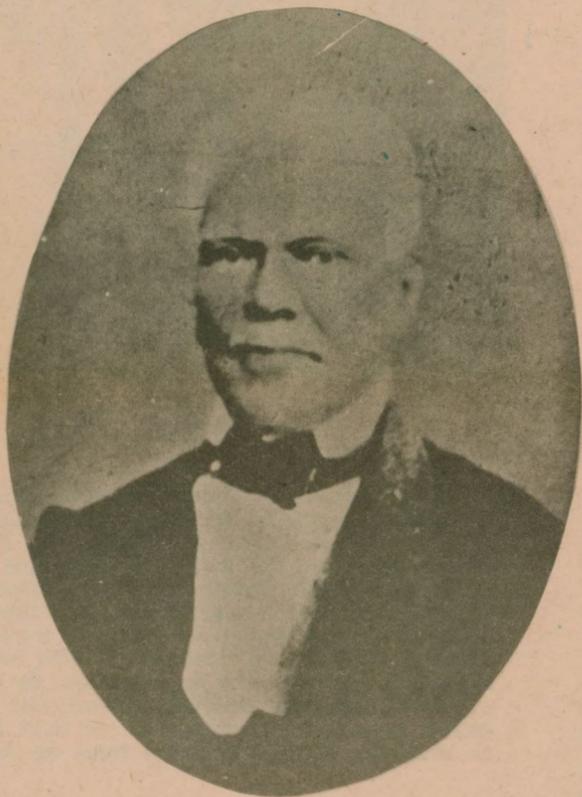
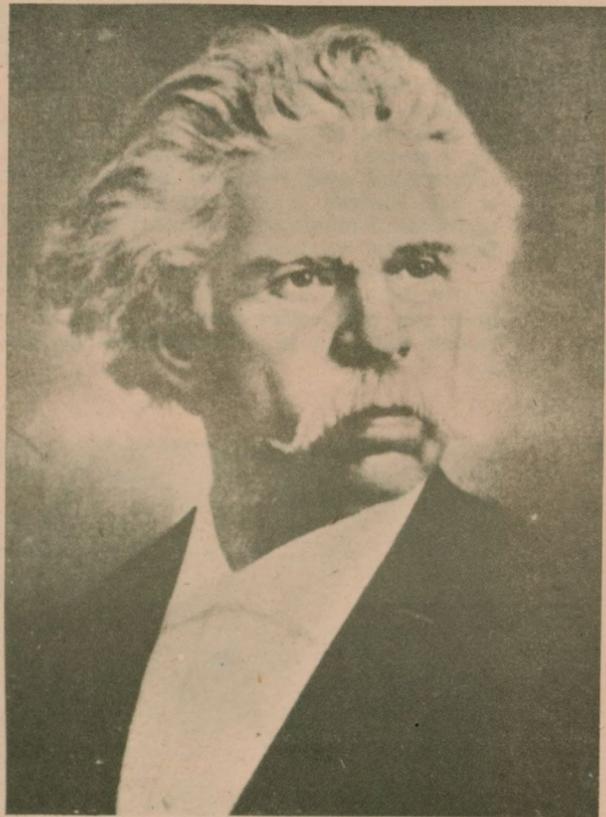
De Lisboa a Paris, com pitorescos acontecimentos como a perda de minha valiosa maleta onde guardava minhas medalhas, troféus de Campinas e Rio, dadas pelo próprio Pedro II. Tudo perdido e só o bom humor e cordialidade de Gentile puderam me acalmar. Não obstante esperei em Paris com a esperança de que a maleta fosse encontrada e crendo que esta era uma prevenção de infortúnios, quis regressar ao Brasil. Gentile me conteve e aproveitamos juntos para conhecer o movimento musical da capital da França que me inspirou um grande respeito.

Finalmente Milão, com seu prodigioso teatro SCALA, templo lírico da Europa, de onde um compositor poderia chegar às alturas do êxito ou às profundidades do fracasso.

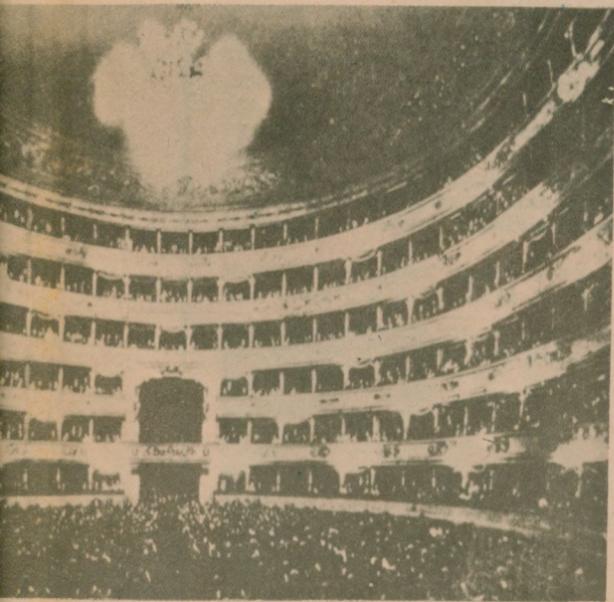


Eu passeava ao redor, pelas imediações do Scala, olhava os cartazes, que anunciavam óperas de Verdi, de Rossini, de Ponchielli e me via tão longe de todos que temia jamais poder cumprir com o compromisso contraído com minha pátria. Em 1864 já conhecia a existência do formoso livro de Alencar, O Guarany, e escrevi a meu amigo Francisco Manuel, a 4 de setembro de 1864 e a 3 de fevereiro de 1865, dizendo-lhe que estava estudando a composição de uma ópera brasileira sobre o formoso tema de Alen-

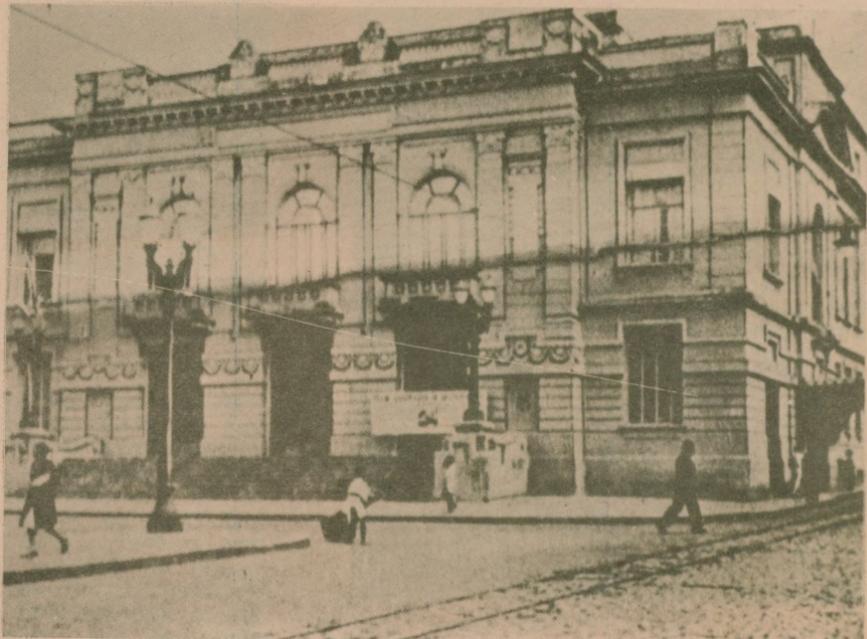
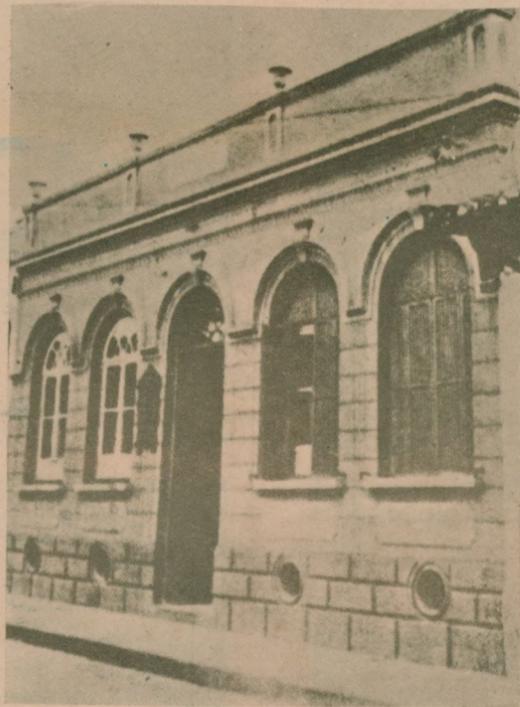




Representação do "Guarany" no Teatro Municipal de São Paulo, com o piano Niza de Castro Tank.



Galeria de recordações que foram tiradas de austeros lugares onde dormiam sonhos de décadas, ao redor da figura de Carlos Gomes. Cada recordação é como uma fisionomia — desperta nas áureas épocas, quando foram vivência comunicativa do Maestro. Uma casa, um Teatro, uma fotografia, uma batuta, um piano, élos todos que unem uma história dentro da história do século passado. Já saíram todos dos confins do olvido para transitar em livros, palestras, suplementos, por todos os condutos da cultura que tem a ver com Carlos Gomes. São como elementos sagrados para atizar o fogo da memória. Nessa lembrança nacional de onde o filho de Campinas se manterá em lugar de honra e respeito.



municipal de S. Paulo em 1972 com a so-

Meu coração agradecido

O homem sem amor é um escravo da solidão. Não aprende a amar aprende a compreender o amor. E quando o entende, já está amando a essência amorosa, no etéreo de sua fulguração. De repente se apresenta alguém e esse amor entendido necessita comunicar-se. Eu amava a música e meus amigos, e me comunicava com eles por meio de minha lírica. Ainda não tinha cohecido nenhuma mulher, nos meus 20 anos, a quem comunicar o meu amor, esse outro sentimento sublimizado por todos os acordes do coração. Foi quando conheci a Ambrosina Correia. Deliciosa criatura com uma esplêndida voz. Ela aceitou interpretar minha incipiente ópera "A noite do Castelo" e parecia que eu tinha escrito a melodia para ela. Nossa comunicação foi radiante, fundida e confundida por algo que nos unia: a música. Ambrosina arrebatava com voz sublime, minha personagem feminina da ópera. Ela personificava aquilo que eu sonhava enquanto compunha. Ambrosina foi a continuidade das ovações, a conexão entre minha sensibilidade de músico e minha vida mesma. Estava irremediavelmente enamorado. Sua emoção feminina foi asas em minha existência, até que, já na Itália, em duras provas de imposição, recebi notícias que Ambrosina tinha se casado. Naqueles dias eu tinha composto as alegres melodias de "Nella Luna" e preparava "Se si minga". A notícia perturbou a minha mente e nas estrofes alegres de Se si minga, estava a tragédia do humor, desse estado de frenesi que tem em suas espáduas, os invisíveis látigos do destino.

Em 1870 conheci Adelina, filha dos condes de Peri. Adelina Perl, minha esposa em 1871, a pequena, e doce Adelina. Ela executava, antes de me conhecer, minhas partituras do Guarany. Eu estava em sua alma como uma prevenção sentimental. E ao regressar do Brasil com todas as recordações tristes e alegres dessa viagem, nos casamos. Vivíamos em um pequeno apartamento na romântica rua de S. Pedro All'orto n.º 16. Subir ao terceiro andar, com seus degraus largos e rústicos, era um tralho feito muitas vezes ao dia para Adelina, que ora estava no piano, ora cantava, ora fazia os trabalhos domésticos. Seus pais com revezes de fortuna, viviam conosco e também sua irmã eram anos febris, de intensa preocupação. O Guarany não tinha deixado mais que ovações. Lutava desesperadamente para conquistar maiores rendimentos. Era vítima da rivalidade entre os editores Ricoldi e Lucca. Corria de uma casa a outra e não tinha êxito econômico. Vendia minhas coisas, empenhava outras e assim tinha que compor a minha Fosca, em meio da privações e sofrimentos.

Eu estava enfermo, minha boca, minha língua, anunciavam sua ruptura com minha saúde. Meus amigos brasileiros subiram muitas vezes as escadas da Rua São Pedro All'orto e observaram minha atividade febril, meu genio alterado e a minha Adelina, suportando com resignação todas essas conjunturas de meu destino. Minha fuga era o trabalho roubando horas doces ao sentimentalismo. Não me deixava envolver em carícias consoladoras porque estava enervado querendo produzir mais e mais, para salvar a situação. Sacrifiquei o doce amor de Adelina, sua pura nobreza, pela fúria do trabalho, para ela mesma, para os filhos que viriam, para o lar. E nesse drama de ser tudo para eles, fui distanciando-me até não ser em minha própria casa, senão uma figura, um esposo distante, um pai. Minha Adelina! se ela soubesse que eu sempre a amava, que sempre via em meu trabalho seu formoso sorriso e seu porte altivo. Se ela pudesse compreender que minha luta era para eles, e que eu não estava longe, senão preso ao jugo do futuro, tremendo ante a perspectiva da miséria... Adelina, minha esposa, foi meu perene amor, ainda entre as nuvens de nossas lágrimas.

Quando apareceu o soprano Hericléa Darclee em minha vida, eu já havia composto Fosca, Salvador Rosa, Maria Tudor, e lógico, Guarany. Alguns anos de bonanza tinham me permitido construir uma vila que tive que vender mais tarde, obrigado por minhas dívidas, em outra descarga de minha "débacle". Havia urgente necessidade de produzir. Hericléa tinha superado uma imensa tragédia, o suicídio de seu marido, um príncipe rumeno.

Ela também necessitava o imperativo de sua economia imediatamente, para amparar seus filhos. Possuidora de uma formosa voz de soprano dramático, nos lançamos em uma grande aventura de conquistar a Europa com minhas óperas. E algo se passou como com Ambrosina? Hericléa interpretava a Isabel de Salvador Rosa, a impetuosa Fosca, a Galharda Rainha Maria, e seu êxito foi apoteótico. Minhas obras tinham se convertido em suas obras; eu estava nela e ela em mim, em nossas comunicações musicais. Nós nos comunicávamos com o ardor de nossa mais pujante seiva artística. Nós nos amávamos. Nela amava minha música, como Ambrosina, Adelina, e toda minha vida de impulsos. Foi uma apoteose. Ela me entregou as delirantes ovações de todos os teatros da Europa, da França, Inglaterra, Rússia, Alemanha, daquela Europa que não me conhecia. Eu lhe devolvia esses aplausos com meus fervores sentimentais, confundidos com toda essa magia de êxito, luzes e satisfações.

E quando Adelina faleceu em 1886, Hericléa e eu, ambos viúvos, não pensamos em nos casar. Rendemos preito às nobres recordações, porque compreendemos que nosso amor tinha sido uma fuga de nosso destino. Ela continuou em sua digna viuvez, com seus filhos e eu, com os meus, alguns dos quais já me tinham sido arrancados pela morte, deixando somente Itala e Carleto, só os tres, unidos mais que nunca, velho, aos 50 anos, como se tivesse que pagar caro essa ilusão de felicidade a cuja perpetuidade não estava destinado.

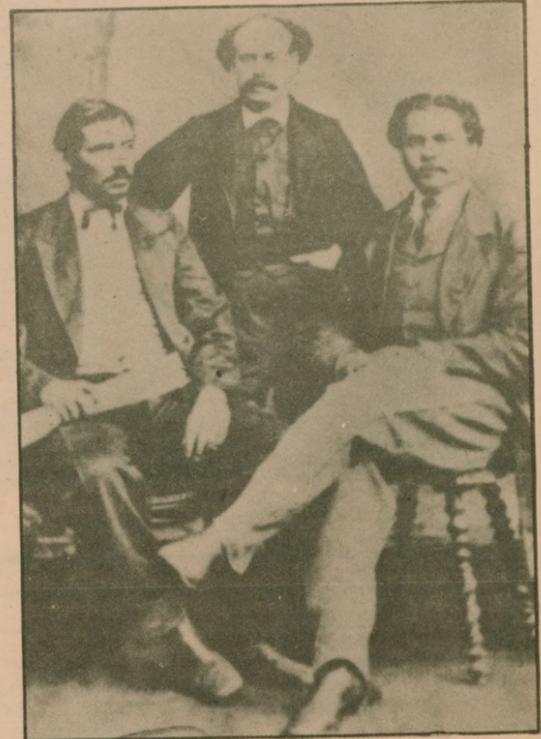
Meus lembrados amigos

Sempre tive um elevado conceito de amizade. Nasceu do carinho e devoção de meu irmão Sant'Ana, o primeiro amigo de minha vida. Alentar uma amizade significava para mim uma correspondência de confiança e de fé na humanidade. Eu sentia que o conceito amigo, era a solidez com que o homem, junto com o amor e a arte, formava as colunas da vida. Amizade era sacrifício, ao mesmo tempo que alegria, e é nesse sacrifício, nesse dar, que encontrava também minha integridade de cristão.

Meus amigos fizeram honra a este conceito e nunca traíram essa íntima fé de minhas convicções. Puseram eles em mim o primeiro fervor de êxito e engalanaram meu ímpeto juvenil com alentos, obrigando-me quase a buscar em outros horizontes, os afaços do êxito. Foram eles, meus queridos amigos, os que generosamente me brindaram com os primeiros aplausos e consolaram-me, dos muitos opositores que em toda minha carreira me honravam com suas críticas acerbas. Estes críticos, sem embargo, não me queriam mal. Não creio que baixezas que sujam a integridade do homem, como a inveja e a destruição do ânimo e do talento, hajam sido as causas dessas críticas. Considero que em toda crítica há um louvor e vice e versa.

Quero pensar que os ilustres críticos que me censuravam faziam-no com um prurido são, já que eu trazia em minhas primeiras composições, mais anelos que musicalidade, e mais tarde, já na Europa, a orientação melódica de minha inspiração ia, indubitavelmente,

por caminhos itálicos, que ainda nosso Brasil não havia captado inteiramente, já que vivíamos algumas décadas atrás das inovações líricas européias. Apesar de que, no Rio de Janeiro, sob o impulso do grande Mecenas, Pedro II, de cuja amizade sempre me honrei, grandes temporadas líricas internacionais, (elencos franceses, italianos, alemães, russos) a concorrência estava limitada a personalidades de alta posição social, a chegados à corte, porém não alcançava a própria massa popular que é a que dá o voto definitivo de uma arte que se impõe. Assim,



A amizade representava, para Carlos Gomes, o símbolo mais sublime de comunicação humana. Sempre lhe foram fiéis e ele mesmo expressava sua reciprocidade com um sentimentalismo de profunda ternura e agradecimento. Castro Azarias de Melo, Emydio de Souza Pinto e Sant'Ana Gomes, seu irmão, Cesar Bierrenbach, Lafaiete Egidio e Francisco Braga.



perdoei a meus críticos negativos, e nem me vangloriei com os positivos.

Devo a meus amigos esta posição do meu pensamento, porque não posso negar que em certos momentos, sim, me senti bastante ferido. Meus amigos foram o baluarte do refúgio em uma bondade sem especulações e a resposta a todos, foi trabalhar e trabalhar.

Eu necessitava de meus amigos nos momentos de algazarra e de tristeza. Não foram palavras somente que me deram; ademais, o alento necessário para a continuação da minha luta, foram embaixadores de minhas necessidades vitais ante as autoridades brasileiras para solucionar meus problemas, advogando por mim e correndo os riscos de afetar suas próprias profissões, ante suas dramáticas insistências. Foram eles, meus amigos, os que no transe e fugas do êxito ao fracasso e vice e versa, na Europa, e depois no Brasil, os que personificaram os meus sentimentos muitas vezes destruídos pelo temor, esse medo do futuro, de minha família que me avassalava a existência. Eles me abrigavam em seus corações e seus estímulos foram a grande fortaleza dos momentos de infortúnio. Que nomes citar? Todos foram queridos. Visconde de Taunay, "Zé" José Emídio Ramos Junior, José Amat, Rebouças, Francisco Manuel, Francisco Braga, Hipólito da Silva, João Batista de Camargo, Manuel Guimarães, Manduca, Bierrenbach, Henrique Luiz Levy, Conselheiro Albino, João Pinto Moreira, José Gonçalves da Silva, Antero da Silva Atua, Bittencourt Sampaio, Salvador de Mendonça, Júlio de Freitas, Francisco Castelões, Conselheiro Tavares, Lafaiete Egidio, Teodoro Teixeira Gomes e tantos outros e outros, a todos eles, tão só uma palavra: obrigado.

Meu coração agradecido

O homem sem amor é um escravo da solidão. Não aprende a amar aprende a compreender o amor. E quando o entende, já está amando a essência amorosa, no etéreo de sua fulguração. De repente se apresenta alguém e esse amor entendido necessita comunicar-se. Eu amava a música e meus amigos, e me comunicava com eles por meio de minha lírica. Ainda não tinha cohecido nenhuma mulher, nos meus 20 anos, a quem comunicar o meu amor, esse outro sentimento sublimizado por todos os acordes do coração. Foi quando conheci a Ambrosina Correia. Deliciosa criatura com uma esplêndida voz. Ela aceitou interpretar minha incipiente ópera "A noite do Castelo" e parecia que eu tinha escrito a melodia para ela. Nossa comunicação foi radiante, fundida e confundida por algo que nos unia: a música. Ambrosina arrebata com voz sublime, minha personagem feminina da ópera. Ela personificava aquilo que eu sonhava enquanto compunha. Ambrosina foi a continuidade das ovações, a conexão entre minha sensibilidade de músico e minha vida mesma. Estava irremediavelmente enamorado. Sua emoção feminina foi asas em minha existência, até que, já na Itália, em duras provas de imposição, recebi notícias que Ambrosina tinha se casado. Naqueles dias eu tinha composto as alegres melodias de "Nella Luna" e preparava "Se si minga". A notícia perturbou a minha mente e nas estrofes alegres de Se si minga, estava a tragédia do humor, desse estado de frenesi que tem em suas espáduas, os invisíveis látegos do destino.

Em 1870 conheci Adelina, filha dos condes de Peri. Adelina Peri, minha esposa em 1871, a pequena, e doce Adelina. Ela executava, antes de me conhecer, minhas partituras do Guarany. Eu estava em sua alma como uma prevenção sentimental. E ao regressar do Brasil com todas as recordações tristes e alegres dessa viagem, nos casamos. Vivíamos em um pequeno apartamento na romântica rua de S. Pedro All'orto n.º 16. Subir ao terceiro andar, com seus degraus largos e rústicos, era um tralho feito muitas vezes ao dia para Adelina, que ora estava no piano, ora cantava, ora fazia os trabalhos domésticos. Seus pais com revezes de fortuna, viviam conosco e também sua irmã eram anos febris, de intensa preocupação. O Guarany não tinha deixado mais que ovações. Lutava desesperadamente para conquistar maiores rendimentos. Era vítima da rivalidade entre os editores Ricoldi e Lucca. Corria de uma casa a outra e não tinha êxito econômico. Vendia minhas coisas, empenhava outras e assim tinha que compor a minha Fosca, em meio da privações e sofrimentos.

Eu estava enfermo, minha boca, minha língua, anunciavam sua ruptura com minha saúde. Meus amigos brasileiros subiram muitas vezes as escadas da Rua São Pedro All'orto e observaram minha atividade febril, meu gênio alterado e a minha Adelina, suportando com resignação todas essas conjunturas de meu destino. Minha fuga era o trabalho roubando horas doces ao sentimentalismo. Não me deixava envolver em carícias consoladoras porque estava enervado querendo produzir mais e mais, para salvar a situação. Sacrifiquei o doce amor de Adelina, sua pura nobreza, pela fúria do trabalho, para ela mesma, para os filhos que viriam, para o lar. E nesse drama de ser tudo para eles, fui distanciando-me até não ser em minha própria casa, senão uma figura, um esposo distante, um pai. Minha Adelina! se ela soubesse que eu sempre a amava, que sempre via em meu trabalho seu formoso sorriso e seu porte altivo. Se ela pudesse compreender que minha luta era para eles, e que eu não estava longe, senão preso ao jugo do futuro, tremendo ante a perspectiva da miséria... Adelina, minha esposa, foi meu perene amor, ainda entre as nuvens de nossas lágrimas.

Quando apareceu o soprano Hericléa Darclée em minha vida, eu já havia composto Fosca, Salvador Rosa, Maria Tudor, e lógico, Guarany. Alguns anos de bonanza tinham me permitido construir uma vila que tive que vender mais tarde, obrigado por minhas dívidas, em outra descarga de minha "débacle". Havia urgente necessidade de produzir. Hericléa tinha superado uma imensa tragédia, o suicídio de seu marido, um príncipe rumeno.

Ela também necessitava o imperativo de sua economia imediatamente, para amparar seus filhos. Possuidora de uma formosa voz de soprano dramático, nos lançamos em uma grande aventura de conquistar a Europa com minhas óperas. E algo se passou como com Ambrosina? Hericléa interpretava a Isabel de Salvador Rosa, a impetuosa Fosca, a Galharda Rainha Maria, e seu êxito foi apoteótico. Minhas obras tinham se convertido em suas obras; eu estava nela e ela em mim, em nossas comunicações musicais. Nós nos comunicávamos com o ardor de nossa mais pujante seiva artística. Nós nos amávamos. Nela amava minha música, como Ambrosina, Adelina, e toda minha vida de impulsos. Foi uma apoteose. Ela me entregou as delirantes ovações de todos os teatros da Europa, da França, Inglaterra, Rússia, Alemanha, daquela Europa que não me conhecia. Eu lhe devolvia esses aplausos com meus fervores sentimentais, confundidos com toda essa magia de êxito, luzes e satisfações.

E quando Adelina faleceu em 1886, Hericléa e eu, ambos viúvos, não pensamos em nos casar. Rendemos preito às nobres recordações, porque compreendemos que nosso amor tinha sido uma fuga de nosso destino. Ela continuou em sua digna viuvez, com seus filhos e eu, com os meus, alguns dos quais já me tinham sido arrancados pela morte, deixando somente Itala e Carleto, só os três, unidos mais que nunca, velho, aos 50 anos, como se tivesse que pagar caro essa ilusão de felicidade a cuja perpetuidade não estava destinado.

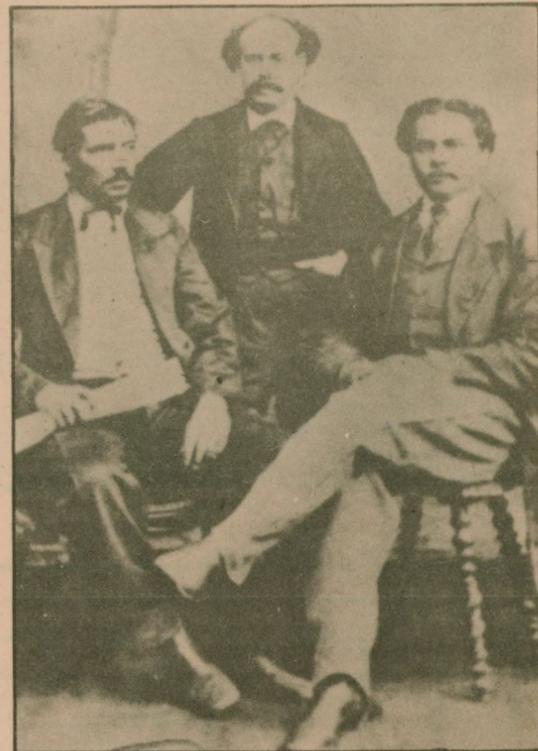
Meus lembrados amigos

Sempre tive um elevado conceito de amizade. Nasceu do carinho e devoção de meu irmão Sant'Ana, o primeiro amigo de minha

vida. Alentar uma amizade significava para mim uma correspondência de confiança e de fé na humanidade. Eu sentia que o conceito amigo, era a solidez com que o homem, junto com o amor e a arte, formava as colunas da vida. Amizade era sacrifício, ao mesmo tempo que alegria, e é nesse sacrifício, nesse dar, que encontrava também minha integridade de cristão.

Meus amigos fizeram honra a este conceito e nunca traíram essa íntima fé de minhas convicções. Puseram eles em mim o primeiro fervor de êxito e engalanaram meu ímpeto juvenil com alentamentos, obrigando-me quase a buscar em outros horizontes, os afares do êxito. Foram eles, meus queridos amigos, os que generosamente me brindaram com os primeiros aplausos e consolaram-me, dos muitos opositores que em toda minha carreira me honravam com suas críticas acerbas. Estes críticos, sem embargo, não me queriam mal. Não creio que baixeiras que sujam a integridade do homem, como a inveja e a destruição do ânimo e do talento, hajam sido as causas dessas críticas. Considero que em toda crítica há um louvor e vice e versa. Quero pensar que os ilustres críticos que me censuravam faziam-no com um prurido são, já que eu trazia em minhas primeiras composições, mais anelos que musicalidade, e mais tarde, já na Europa, a orientação melódica de minha inspiração ia, indubitavelmente,

por caminhos itálicos, que ainda nosso Brasil não havia captado inteiramente, já que vivíamos algumas décadas atrás das inovações líricas européias. Apesar de que, no Rio de Janeiro, sob o impulso do grande Meceenas, Pedro II, de cuja amizade sempre me honrei, grandes temporadas líricas internacionais, (elencos franceses, italianos, alemães, russos) a concorrência estava limitada a personalidades de alta posição social, a chegados à corte, porém não alcançava a própria massa popular que é a que dá o voto definitivo de uma arte que se impõe. Assim,



A amizade representava, para Carlos Gomes, o símbolo mais sublime de comunicação humana. Sempre lhe foram fiéis e ele mesmo expressava sua reciprocidade com um sentimentalismo de profunda ternura e agradecimento. Castro Azarias de Melo, Emydio de Souza Pinto e Sant'Ana Gomes, seu irmão, Cesar Bierrenbach, Lafaiete Egidio e Francisco Braga.



perdoei a meus críticos negativos, e nem me vangloriei com os positivos.

Devo a meus amigos esta posição do meu pensamento, porque não posso negar que em certos momentos, sim, me senti bastante ferido. Meus amigos foram o baluarte do refúgio em uma bondade sem especulações e a resposta a todos, foi trabalhar e trabalhar.

Eu necessitava de meus amigos nos momentos de algazarra e de tristeza. Não foram palavras somente que me deram; ademais, o alento necessário para a continuação da minha luta, foram embaixadores de minhas necessidades vitais ante as autoridades brasileiras para solucionar meus problemas, adovogando por mim e correndo os riscos de afetar suas próprias profissões, ante suas dramáticas insistências. Foram eles, meus amigos, os que no transe e fugas do êxito ao fracasso e vice e versa, na Europa, e depois no Brasil, os que personificaram os meus sentimentos muitas vezes destruídos pelo temor, esse medo do futuro, de minha família que me avassalava a existência. Eles me abrigavam em seus corações e seus estímulos foram a grande fortaleza dos momentos de infortúnio. Que nomes citar? Todos foram queridos. Visconde de Taunay, "Zé", José Emídio Ramos Junior, José Amat, Rebouças, Francisco Manuel, Francisco Braga, Hipólito da Silva, João Batista de Camargo, Manuel Guimarães, Manduca, Bierrenbach, Henrique Luiz Levy, Conselheiro Albino, João Pinto Moreira, José Gonçalves da Silva, Antero da Silva Atua, Bittencourt Sampaio, Salvador de Mendonça, Júlio de Freitas, Francisco Castelões, Conselheiro Tavares, Lafaiete Egidio, Teodoro Teixeira Gomes e tantos outros e outros, a todos eles, tão só uma palavra: obrigado.



O artístico óleo "A Morte de Carlos Gomes" dos pintores Domenico Deangelis e Giovanni Capranesi situada na Prefeitura de Belém do Pará.

Esta cessão, por parte da cidade de Belém não acarretaria nem um problema de ordem de segurança à preciosa tela, cujo transporte seria feito pelos aviões "Búfalo" da FAB. Ao encerrar-se a semana, pelo mesmo meio, seria ela devolvida a seu lugar de origem ...

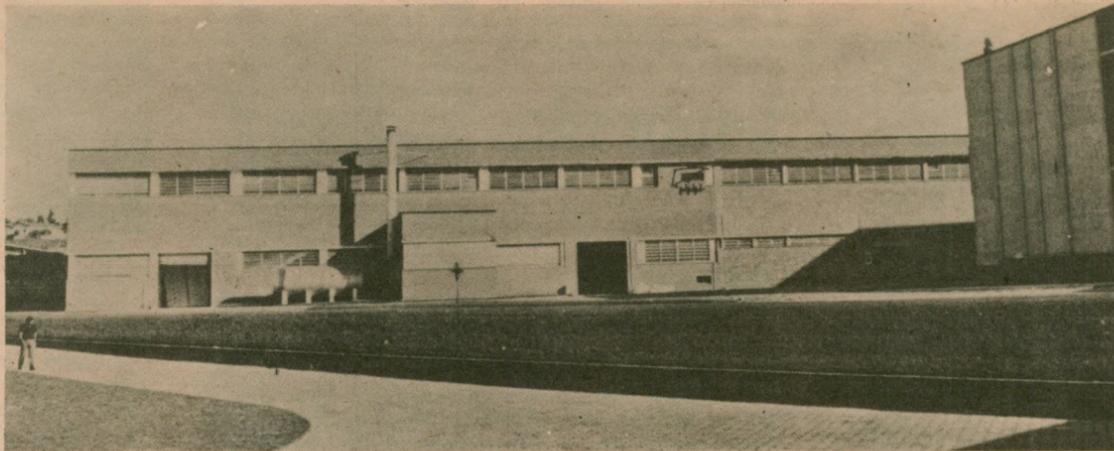
Uma sugestão do Coronel Rodolfo Pettená

"A morte de Carlos Gomes", óleo dos pintores Domenico Deangelis e Giovanni Capranesi.

O destino quis que o glorioso filho de Campinas passasse à imortalidade em Belém do Pará, ilustre cidade de nossa pátria, que deu ao gênio das Américas as últimas honras em vida. Abriam-lhe o coração de brasileiros, acordes com o momento histórico e renderam ao Maestro os peitos que outros lhe negaram. Assim pode viver com dignidade seus últimos tempos e dirigir o conservatório de música da localidade.

Este ir e vir do Maestro, no balanço solene de sua vida e morte, merece que também o óleo "A morte de Carlos Gomes" que com tanto valor artístico pintaram Deangelis e Capranesi, expressando os últimos momentos de Tônico, pise terras campineiras, para engalanar a próxima semana de Carlos Gomes, em 1974. Assim, parte dos louros que tangem a tristeza representada no quadro, a agonia do Maestro, também será vivida em Campinas, mediante um trabalho de arte. Belém do Pará, enlaçada em nossa história sentimental através de Carlos Gomes estaria representada com a arte de brilhantes artistas na semana do Maestro, toda arte ela, em 1974, em nossa cidade.

A ilustre Prefeitura de Belém do Pará, onde está localizado o óleo, tem a palavra.



SCALA - SOCIEDADE CAMPINEIRA LÍRICO-ARTÍSTICA AGRADECE AO COMENDADOR ALADINO SELMI, PRESIDENTE DO PASTIFÍCIO SELMI S/A, INTIMAMENTE LIGADO AO MOVIMENTO ARTÍSTICO E EXPANSIONISTA DE NOSSA CIDADE PELA SUA COLABORAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DESSE SUPLEMENTO ONDE SE EXALTA A FIGURA HUMANA DO MAESTRO CARLOS GOMES. A EXPANSÃO DA INDÚSTRIA ATÉ OS ÂMBITOS DA ARTE É FORÇA QUE ENGRANDECE UMA NAÇÃO.

PASTIFÍCIO SELMI S.A.

Indiscutível o fervor patriótico de Carlos Gomes

Uma entrevista com o Maestro A. Belardi

O Teatro Municipal de São Paulo, tem, como todos os teatros importantes, a severidade acadêmica de que vislumbra sua clássica fachada em estilo de Versaille. Salas de estudo, pequenas e grandes; salas de ensaio para orquestra, conjuntos menores, ballet, cenografia, coreografia; mecanismos para os complicados jogos de luzes; montagem de cenários; um mundo fantástico que se move entre bastidores e que não chega ao público o qual recebe unicamente os efeitos de uma técnica e de uma arte minuciosamente preparados.

Nesse mundo, em uma sala rodeada de armários e mesas, trabalha o maestro Armando Belardi, laureado diretor de uma orquestra, que dedicou uma vida inteira à arte da batuta.

— São arquivos musicais que pertencem à Rádio Gazeta, diz, olhando com nostalgia os móveis que guardam mil composições que fizeram, há algumas décadas, uma cátedra de cultura artística em São Paulo.

Da sala vizinha saem acordes de ensaio da Orquestra Sinfônica. O ambiente está feito: música de todos os tempos esperando sua vez de ressurreição e música que fecundará em próximo concerto uma platéia ávida de lirismo puro.



Maestro Armando Belardi brilhante condutor e personalidade indiscutível de alta expressão musical brasileira a quem se devem mais de quarenta anos de divulgação da obra de Carlos Gomes.

O PATRIOTISMO DE CARLOS GOMES

Não há nenhuma dúvida, contesta à pergunta o maestro que Carlos Gomes foi um grande patriota brasileiro. É falso que quis se nacionalizar italiano. Jamais o teria feito. Suas obras de inspiração patriótica dizem de um homem profundamente sonhador nos valores de sua pátria. O Guarany, com sua estória selvagem, recorda a geografia de uma terra que tanto amava Carlos Gomes, e essa estória sentimental de um início enamorado de uma branca filha de portugueses, é o drama nostálgico de um homem que queria fazer conhecer o significado de sua pátria longínqua, na Itália de então, que tão pouco nos conhecia. É estória, continua o maestro, que envolve uma profunda realidade da época; o encontro entre duas almas de tradições distintas, uma, dona da terra, e outra, integrando-se na mesma, como bom processo de americanismo nascen-te. Obra de sociologia imigratória em meio de uma exuberante natureza como é a do Brasil. Expôr todo este conjunto numa Ópera, Guarany, só pode ser concepção de um homem que amava sua terra com todo o fervor de seu espírito e talento.

O impacto produzido no qualificado público do Scala de Milão, que então, era a expressão máxima da representação lírica do mundo, tradição que ainda continua com todo brilho, demonstra que se homenageou a Carlos Gomes, não somente como um poderoso valor musical que se impunha entre os Verdi, Rossini, Puccini, gigantes da época, e também como um brasileiro que trazia uma mensagem de sua terra.

O "Schiavo", segue o maestro Belardi, também fala de uma tèmpera patriótica indiscutível. Carlos Gomes pertencia, sem ser político, por natureza e humanismo ao movimento abolicionista da época, do qual era partidário o Imperador do Brasil. O sentido de liberdade do maestro Carlos Gomes, sua mesma força de impulsos fogosos, não poderiam aceitar a exploração do homem pelo homem. Seu "Hino à liberdade" é uma das mais belas páginas musicais em homenagem ao homem livre. Esta demonstração de render ao escravo de sua pátria, um hino à liberdade, é uma evidência absoluta de seu amor à terra natal.

UM CAMINHO OBRIGATÓRIO, A EUROPA

Sim, é verdade, contesta o maestro Belardi à pergunta, a rota da Europa era obrigatória então, para os que queriam consagrar-se.

O caminho era obrigatório, sem dúvida alguma. E cada um recebia as influências do meio ambiente. Assim, Alberto Nepomuceno, recebeu a influência francesa como Oswald mais tarde, a mesma influência francesa e italiana. Carlos Gomes também recebeu a influência italiana, em linha melódica, em oposição alemã, mais realista, mais épica. Porém, Carlos Gomes, foi muito personalista em suas composições. Teve uma linha natural de inspiração melódica uniforme desde suas primeiras composições até à última.

— Então, pergunta o jornalista, não houve imitação, como dizem alguns clássicos detratores, principalmente da época de Carlos Gomes?

— Infâmia, responde, Belardi. Carlos Gomes foi sempre um compositor severo em seus temas. Não há imitação de espécie alguma. Grandes compositores de sua época o consideraram um gênio do teatro lírico e a crítica foi unânime nos elogios. Os grandes homens sempre têm sido detratores, inspirados no fantasma da inveja.

SUAS GRANDES SATISFAÇÕES

Qual foi a representação do Guarany que mais o satisfaz? Contesta plácidamente maestro Belardi: foi na execução lírica da Sinfônica de São Paulo, com Niza de Castro Tank, Albertini, Mascitti, Paulo Adonis, e Benedito Silva, em uma grandiosa montagem, a maior de todas na história do teatro lírico do Brasil. Foi uma grande satisfação preparar essa obra, repete o maestro Belardi.

SOB SUA REGENCIA

São muitos os artistas que trabalharam comigo. Todos poderiam ocupar lugares elevados em qualquer teatro importante do mundo. Niza Tank Agnes Ayres, Armando Assis Pacheco, Sérgio Albertini, Benito Maresca, Paulo Adonis, Benedito e Silva e muitos outros valores do Brasil para todo o universo.

MENÇÃO ESPECIAL

Pergunta o jornalista, porque não se projetou mais a obra de Carlos Gomes.

— Fala de interesse de um ambiente despreocupado. Porém agora começam a render honras ao grande gênio das Américas, que será colocado no lugar que lhe corresponde.

E uma menção especial, ainda, a Niza de Castro Tank, indiscutivelmente o soprano de maior valor do Brasil. Também sua figura pouco se projetou no exterior, salvo algumas tournées esporádicas. Niza pode dar glória ao Brasil no cenário, porque tem todos os dotes: voz, técnica, interpretação. Uma artista completa que o mundo deveria aplaudir.

SEMANA DE CARLOS GOMES

Interpretaremos com a Sinfônica de Campinas, e solistas Fosca e Colombo e algumas partituras extras. Rende-se assim, uma homenagem a um brasileiro e confiamos que com isso abram-se as comportas para que todos os cenários operísticos do mundo, saibam, conheçam a figura magnífica de um compositor do porte de Carlos Gomes.

Um festival nacional para Carlos Gomes



Professor Alexandre dos Santos Ribeiro, distinto Secretário da Educação, Esportes e Turismo da cidade de Campinas.

Entrevista com o Professor Alexandre dos Santos Ribeiro, Secretário de Educação, Cultura, Esporte e Turismo, de Campinas.

"Encaro o assunto de Carlos Gomes, em primeiro lugar, como um grande elemento de promoção da cidade, que tem por costume orgulhar-se de ser uma cidade culta, e encaro este ponto como uma das grandes omissões de Campinas e de todo o Brasil até três anos atrás".

"Até 1970 se ligava o nome de Carlos Gomes no Brasil a rigor, a dois pontos novos: ao nome de Lauro Sodré, Governador do Estado do Pará e o fim da vida de Carlos Gomes, e segundo, ao Maestro Armando Belardi, divulgador incansável, da obra do insigne compositor brasileiro que regeu a única gravação brasileira do "Il Guarany".

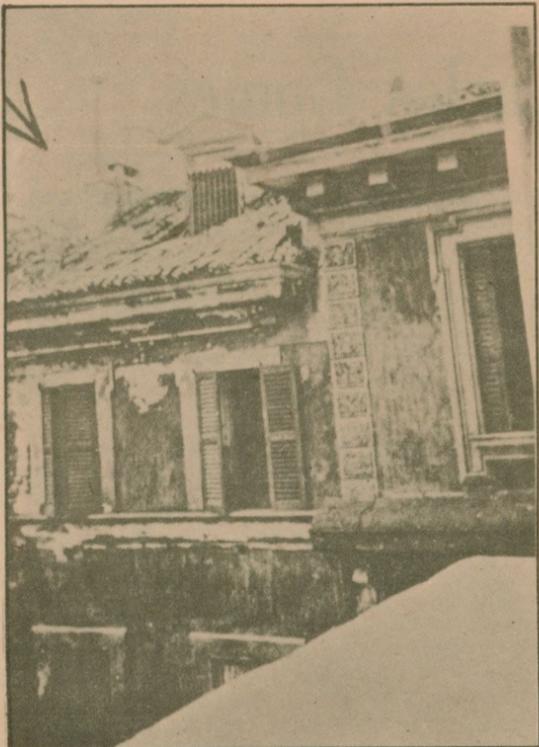
"É interessante ressaltar o trabalho de divulgação feito pelo Maestro Eleazar de Carvalho que tem inclusive um disco gravado somente com peças extraídas de óperas de Carlos Gomes, à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira".

"A partir de 1970, a propósito do centenário do Guarany, a Prefeitura de Campinas resolveu criar a perspectiva de comemoração séria em torno de Carlos Gomes e conseguiu fazer uma montagem do Guarany, que foi elogiadíssima pela crítica especializada de São Paulo e Rio, ainda quando não tivesse agradado muito à crítica amadora, e essa montagem foi ponto de partida para realizações sérias na cidade de Campinas. A partir daí montou-se Colombo, em 1971, pela terceira vez no mundo e primeira vez em Campinas. Foram editadas palestras e análises profundas sobre a obra de Carlos Gomes. Apresentaram-se também obras inéditas e no presente, graças ao inestimável auxílio do Governo Estadual de São Paulo através da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, foi possível esta semana de Carlos Gomes de 1973, de real valor".

"As perspectivas futuras incluem a transformação da semana de Carlos Gomes em um festival nacional, pretendendo a Prefeitura, interessar também ao governo federal, através do Ministério de Educação e Cultura".

"Com isso Campinas através do órgão cultural de sua Prefeitura, terá conseguido as motivações, e a laboriosidade do Estado e da Federação, em torno da figura de Carlos Gomes e então, finalmente, a cidade de Campinas poderá ser perdoada pelo olvido em que durante muitos anos manteve a seu mais notável filho.

Minhas últimas lágrimas



Nesta humilde casa passou Carlos Gomes os últimos tempos em Milão. Mostra a vivenda uma situação econômica desastrosa que não conseguiram minar a força humana do grande compositor que se refugiava na tristeza como centelha sagrada para suas cadências.

Sem glórias; vencido; com filhos cuja morte prematura chorei, só imensamente só, em meio de uma vida de música esquecida, minha sina na Europa, tocava seu fim. Meus rendimentos eram escassos; minha vila Brasília me foi tirada e vivia na imensa penumbra onde somente moram os derrotados e esquecidos em triste penúria.

Não quero fazer drama de uma existência que em meio da dor foi de esperanças e de algumas alegrias também, porém, já desde meus jovens anos fui envolto com uma premonição amarga da qual fugia dentro de minhas composições. Minha querida música, foi meu bálsamo e ambos corríamos a mesma sorte. Quando escrevi a ópera Schiavo, animava-me naturalmente o destino desses seres humanos de minha pátria tratados como objetos, porém no mais profundo do meu coração, está ópera também representa o encadeamento do homem num mundo livre e que só sabe de ideais e nada de praticidade. Os escravos foram libertados para enaltecer a dignidade humana, porém, os homens de minha natureza não poderão ser jamais libertados.

Quando conversava com meus amigos e lhes expunha este pensamento ria-me com timbre sonoro, mas todos sabiam que lá, no fundo do meu pensamento havia convulsões de intensa ansiedade.

O momento do retorno ao Brasil era inevitável, apesar de não receber nenhuma carta alentadora de amigos e do governo do meu País. O Imperador Pedro II já havia falecido e meus amigos não tinham força na administração da nova república do Brasil. Tinha que voltar, fosse como fosse. E sempre, Sant'Ana meu querido irmão, logrou o milagre do retorno, vendendo, empenhando, sacrificando seus próprios bens, para me trazer com meus dois filhos de regresso à pátria, assim como se devolve um cadáver vivo, à terra de seus maiores.

E que dizer agora? Como viver? Como curar essa enfermidade que lacerava minha vida? Os abraços de meus amigos ao chegar, eram de esperanças, porém, o tempo foi dizendo um não cruel e foi nesses momentos que se ergueu a nobreza em um dos nossos queridos Estados brasileiros, o velho Grã-Pará, de ilustre história e que absorveram os desejos indubitáveis dos brasileiros de toda a nação. Fui para dirigir o seu Conservató-

rio de Música, enquanto meu mal avançava; perdia forças, em minha memória não cabiam se não nomes queridos; minha música estava diluída no meu pensamento, meu sorriso apagado, e quando via as contínuas visitas de meus amigos com rostos preocupados, lágrimas furtivas, já sabia que meu caminho pela vida estava no seu epílogo. E fui dando graças a Deus, por estes instantes nos quais já não estava só, quando afluiam as recordações do passado com suave aplauso, dos rostos dos meus entes queridos, a infância, a mocidade, os febris anos no Rio e na Europa; e fui feliz, nesse retornar, nesse volver, ao mundo do meu passado que agora se me apresentava formoso. Enquanto todos meus amigos me olhavam, em meus sonhos, eu,

A SCALA manifesta seu profundo agradecimento à:

Companhia Antártica Paulista — IBBC

Equipasca — Equipamentos de Pesca S/A

Nortel Eletricidade Ltda.

Singer do Brasil S/A Indústrias Reunidas e Comércio

Sonata — Indústria de Aparelhos Eletrônicos Ltda.

pelo interesse manifestado e pelo apoio que deram, sem o que não teria sido possível a realização desse suplemento.

lobum

Engenharia e Comércio S. A.

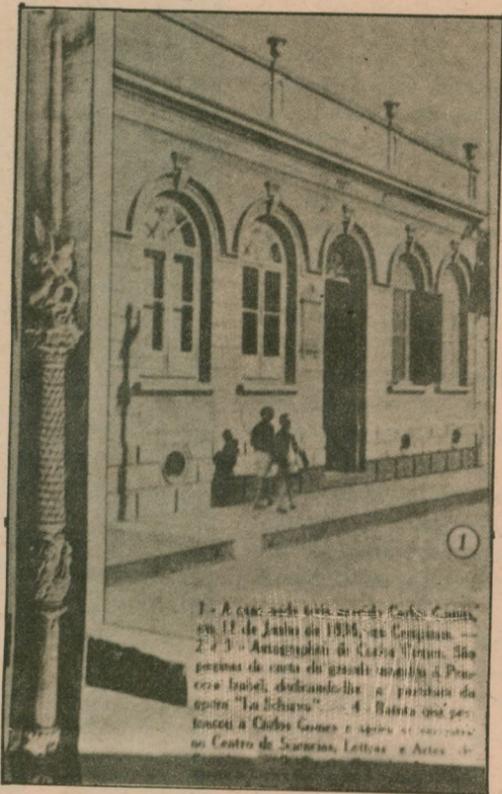
Av. Júlio de Mesquita, 804 - Fone 9-3768 e 2-5315

Empreendimentos e Administração S. A.

Rua General Osório, 1.031 - 8.o andar cj. 86 - Fone 8-3808.

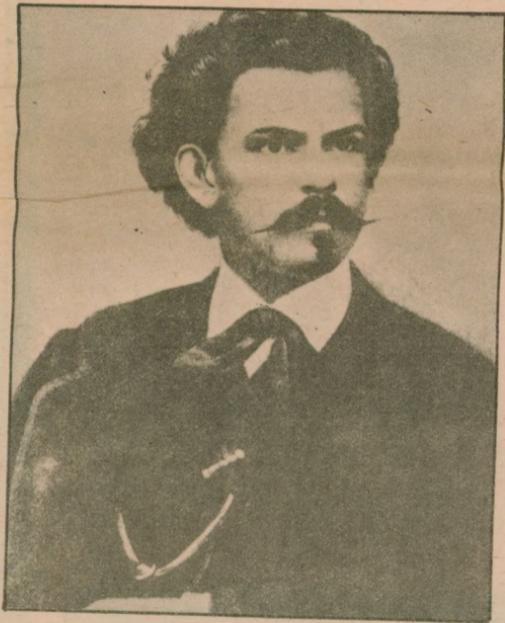
Solidarizamo-nos com a glória do
Maestro Carlos Gomes
filho desta ilustre cidade que
estamos ajudando a construir

EVOCAÇÕES



1 - A casa onde nasceu Carlos Gomes em 11 de Junho de 1836, em Campinas. —
2 - 3 - Autógrafos de Carlos Gomes. Sua primeira obra em grande escala a *Princesa Isabel*, dedicando-lhe a partitura da ópera "La Sbirra". — 4 - Batista que pertenceu a Carlos Gomes e agora se encontra no Centro de Ciências, Letras e Artes.

Foi esta a casa onde chegou ao mundo Tônico e onde experimentou as primeiras alegrias e tristezas de sua vida singular.



Tônico de Campinas, já aplaudido, confia que os augúrios de sua vida corram paralelos à sua invocação criadora.



Ítala Gomes Vaz de Carvalho, filha abnegada e idólatra do maestro.



"Campinas dos Telhados
orfãos de andorinhas
Rufar de asas
Gorgeio de distâncias....."
Sob este céu de vôos a natureza exuberante deu ao espírito de Carlos Gomes essa inspiração harmônica que transcendeu em lírica pura e voou pelo Brasil e pelo mundo.



Adelina Peri, mais que um nome, uma esposa. Dedicou sua vida ao maestro, sacrificando seu próprio talento de pianista e vivendo com entusiasmo feminino os instantes doce-amargos de seu esposo.



Sede própria: Rua Barão de Jaguará, 888 — CX. Postal 93
PBX: 8-5137 — Campinas — S.P.

**Apresentamos nossas congratulações
aos organizadores da
Semana de Carlos Gomes
que deu glórias ao Brasil**

Fotografias relacionadas com Carlos Gomes de Foto Estúdio Saci.



Ten. Coronel Rodolfo Pettená, ativo presidente da SCALA

O DISCURSO QUE AINDA NÃO SE FEZ

Com o Tte. Coronel R. Pettená, Presidente do Scala, sociedade que impulsiona a cultura e a arte em Campinas.

Scala, a Sociedade Campineira Lírico Artística, desenrolou uma atividade extraordinária nesta brilhante Semana de Carlos Gomes. Presidida pelo Tte. Coronel Rodolfo Pettená, personalidade multifacética no âmbito da cultura e das organizações estéticas em Campinas, nos diz, que de Carlos Gomes se tem falado muito e feito pouco. Perguntei-lhes qual seriam suas palavras se tivesse de dizer um discurso com relação ao grande compositor campineiro, e nos disse o distinto militar que seria um discurso que ainda não foi dito.

Animado por nós, concebeu o Presidente do Scala estas brilhantes palavras que merecem o fecho desta edição em homenagem ao gênio das Américas

"Nós nos apresentamos, hoje, brasileiros desta geração, ante a recordação de um patriota que foi conhecido pelos deuses antes dos homens. Divinizou a arte dando-lhe perpetuidade magnética, entregando-a a uma pátria, a nossa, que não soube coroá-la de guirlandas e louros.

Tinha em sua alma os sonhos de um Ovídio e as chamas de um Horácio; esculpiu em seu espírito, com as chagas da indiferença e do menosprezo humano uma escultura monumental ornamentada por cadências de lírica revoada. Suas ovações foram as lágrimas do esquecimento e do abandono enquanto os teatros do mundo fulguravam de entusiasmo, com suas melodias arrebatadoras, ceava com estrelas celestes e sorvia néctares de anátemas, alimentos de tristeza dos grandes homens que se convertem na vida e na morte em gloriosos prismas refulgentes para dar mais amargura à dor e maior acendro à genialidade criativa. Foi homem e gênio. Foi mártir de uma época, quando ainda nossa jovem pátria de então, não sabia compreender, que também há brasileiros com asas de divindades olímpicas. Foi nosso e o esquecemos; pusemos sobre sua gloriosa sepultura umas flores e embalsamamos sua recordação com algumas lágrimas e palavras de sincero apreço. E nos retiramos com a consciência tranquila de haver entregado à imortalidade, um dos nossos mais preclaros cidadãos. Equivocamo-nos. Matamo-lo uma vez com nossa indiferença e voltamos a matá-lo com nosso esquecimento. Enquanto o mundo continua aplaudindo aos divinos privilegiados, maestros colegas de Carlos Gomes, nosso grande compositor tem suas in-

clitas obras nas prateleiras poeirentas dos arquivos musicais.

Carlos Gomes parece ter apagado a tocha de seu fogo lírico, nas águas do Atlântico, ao regressar à nossa terra para morrer como brasileiro, em seu seio, em seu solo natal. E não foi ele quem queimou seu barco. Fomos nós, brasileiros, que permitimos se apagassem as chispas que deram glória ao Brasil no século passado, através da música do Tônico de Campinas. Fomos nós que não rendemos honras a sua fé nas supremas estrofes imortais. E aqui estamos hoje, a 77 anos de sua viagem eterna, para pedir perdão a este excelso lírico. Aqui nos apresentamos, brasileiros desta geração, em nosso País de grandes homens, que compreendem a imensidade do sacrifício nas aras da dignidade artística e patriótica, para redimir este ilustre filho de nossa pátria e colocá-lo, com emblema brasileiro, nos pedestais mais altos do universo. Que sua obra imorredoura seja exemplo da brasilidade de hoje, de altas miras, de alta mira histórica e nacional, onde os homens se talham no esforço do trabalho e do talento. Que Guarany, Fosca, Schiavo, Colombo, Maria Tudor, Oda Léa, Salvador Rosa, que todas as suas melodias geniais vivam orgulhosas no destino de nossa mensagem humana, de nossa missão americana. Hoje podemos compreendê-lo melhor e assim o nosso pedido de perdão ao Maestro, será o compromisso imediato de nossa geração criadora, na qual revive as melodias de Tônico, de seguir o caminho para a qual nasceram: no coração de todos os brasileiros porque foi criação de um filho nosso e no coração do mundo porque a arte deve dar-se generosamente.